

*Clínica de 2 às 7* é como tomou forma o encerramento do grupo de acompanhamento de terça-feira do primeiro semestre de 2023.

Como um exercício de apresentação proposto ao grupo, não mais por meio da fala ou de seus portfólios como fizeram nos últimos meses, esta exposição teve seu processo de montagem e as dinâmicas imbuídas nele como seu motor, prescindindo de etapas tradicionais da curadoria como o convite, seleção de obras e a organização dos trabalhos no espaço, delegando essas duas últimas tarefas aos próprios artistas.

Assim, a partir de uma ordem estabelecida ao acaso, cada um delimitou, sequencialmente, a posição que ocuparia na exposição, muitos deles com trabalhos desconhecidos ao restante do grupo ou, como no caso de Heitor Ramalho, o primeiro artista sorteado, com a obra ainda a ser realizada no próprio espaço.

Deste modo, à medida que *Flutuação* se materializava pela suspensão de detritos de uma casa demolida obrigava que os demais artistas respondessem e se posicionassem de acordo com o espaço que a obra tomara.

É essa relação que leva a obra de Lis Haddad, *Anunciação*, ao centro do galpão e que passa a alimentar os dois trabalhos. No transitar do nosso olhar entre céu e chão e no caminho contrário, se revela a cadeia de violências que incidem do interior do país ao centro das grandes cidades nutrindo o mesmo capital.

O vaguear do olhar, atraído por aproximações de cor ou de materialidade, nos faz chegar à paisagem constituída pelos trabalhos de Gabriel Pessoto, Paulo Assis, Lis e Heitor reunidos.

Terra, céu e ar em partes fragmentadas. De um *eu* aviltado que não encontra correspondência em sua imagem, aparece também a linha gráfica reiterada como horizonte que encontra abaixo o céu também constituído por partes, pixels de uma imagem digital transposta ao mundo material. Movimentos que desembocam no ecossistema constelar formado pelos desenhos experimentais de Ana Lucia Mariz.

*Mudamos*, polissêmico como planejado por Carmen Garcia, dá pistas de como o plano inicial e as relações previstas por cada artistas foram transformadas ao longo do processo.

Unindo ambos os pólos do galpão, a montagem de Cho é estratégica ao responder às dificuldades de ter que escolher um espaço após vários outros artistas. Sutilmente posicionado, o amuleto de Cho cria relações com os fragmentos que alimentam o universo de mementos, desejos e anseios nos trabalhos de Melissa Baltazar e de Matheus Chiaratti. Cujas investigações sobre o desejo caminham em direção ao grupo de obras de Ivan Zancan. *Amantes* encontra correspondência na materialidade do trabalho de Juliana Maia, que por sua vez, ao unir tecidos encontrados ao acaso, resgatados do descarte, repete um gesto comum a Matheus, Heitor, Ana e Lis. As implicações de gênero da prática de costura, essas, certamente um elo comum visto de antemão, também nos levam à prática de Gabriel e à pesquisa de Leticia Ranzani.

Da inicial impossibilidade de encontrar um tema que desse conta de aproximar coerentemente a produção de cada um do grupo em uma exposição tradicional, no processo de montagem, mediado por generosas negociações, surgiram, como no movimento que perpassa este texto, ainda outros possíveis agrupamentos e relações entre obras as quais o público e os artistas são convidados a fazer.

Lucas Goulart